

---

# NA TRILHA DOS IMAGINÁRIOS: OS SABERES DE CRENÇA E A ORGANIZAÇÃO DESCRITIVA NA LITERATURA DE AUTORES PIAUIENSES<sup>1</sup>

## ON THE TRAIL OF THE IMAGINARIES: THE KNOWLEDGE OF BELIEF AND THE DESCRIPTIVE ORGANIZATION IN THE LITERATURE OF PIAUIENSES AUTHORS

Luis Felipe da Silva Castelo Branco

Acadêmico do curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso (NEPAD/UFPI/CNPq). Pesquisador na área da Análise do Discurso, produzindo trabalhos com temas voltados para a Teoria Semiolinguística e o discurso literário.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2687-3008>

E-mail: [luisfscb@hotmail.com](mailto:luisfscb@hotmail.com)

### RESUMO

As investigações sobre o discurso literário vêm possibilitando uma aproximação entre a linguística e a literatura. Nesse sentido, este trabalho teve por objetivo realizar uma análise discursiva de um clássico da literatura de autores piauienses. Para tanto, selecionamos como *corpus* o romance *Vida Gemida em Sambambaia* (1985), do escritor piauiense Fontes Ibiapina. Como base teórica, utilizamos o arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso Semiolinguística, principalmente as contribuições de Charaudeau (2016, 2017). De modo mais específico, analisamos a presença dos imaginários sociodiscursivos e do modo descritivo de organização dessa obra. Como resultados, verificando a presença dos saberes de crença, que sustentam a maioria dos imaginários sociodiscursivos da obra, notamos que a construção dos personagens e da própria narrativa colabora para apresentá-los conforme uma imagem caricata do que seria o sujeito nordestino, presente nos imaginários do povo ingênuo, humilde, pobre, religioso e sofredor, vivendo em um espaço abandonado pelo poder público e atormentado pelos problemas da seca. Junto a isso, analisando o modo descritivo, destacamos a recorrência de identificações específicas

---

<sup>1</sup> - Este trabalho consiste em um recorte de uma pesquisa de Iniciação Científica Voluntária (ICV) desenvolvida no âmbito da Universidade Federal do Piauí, sob orientação do Prof. Dr. João Benvindo de Moura.

na caracterização dos personagens, comandada por um sujeito descritor que investe em um ordenamento interno dos elementos descritivos caracterizado pelo acúmulo de adjetivos para qualificar os personagens conforme o imaginário do sertanejo pobre. Diante disso, reforçamos a existência de um diálogo entre a linguagem e suas circunstâncias de discurso, da linguística com a literatura, assim como uma aplicabilidade da Teoria Semiollingüística na abordagem do discurso literário.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso. Discurso Literário. Imaginários Sociodiscursivos. Teoria Semiollingüística. Piauí.

## ABSTRACT

*Investigations on literary discourse have enabled a rapprochement between linguistics and literature. Similarly, this work aimed to propose a discursive analysis of a classic of the literature of piauiense authors. Hence, we selected as corpus the novel *Vida Gemida em Sambambaia* (1985), of the writer from Piauí Fontes Ibiapina. We use as main theoretical basis Charaudeau's *Semiollingüistic Discourse Analysis* (2016, 2017). To be specific, we analyze the presence of socio-discursive imaginaries and the descriptive way of organizing this work. As a result, verifying the presence of the knowledge of belief, which sustains sums of the socio-discursive imaginaries of the work, we noticed that the construction of the characters and the narrative itself collaborates to present them according to a stereotyped image of what would be the northeastern subject, present in the imaginaries of the naïve people, humble, poor, religious and sufferer, living in a space abandoned by public power and plagued by the problems of drought. In addition, analyzing the descriptive mode, we highlight the recurrence of specific identifications in the characterization of the characters, commanded by a descriptor subject who invests in an internal ordering of descriptive elements characterized by the accumulation of adjectives to qualify the characters according to the imaginary of the poor "sertanejo". In conclusion, we reinforce the existence of a dialogue between language and its circumstances of discourse, linguistics with literature, as well the applicability of Semiollingüistic Theory in the approach of literary discourse.*

**Keywords:** Discourse Analysis. Literary Discourse. Socio-discursive Imaginaries. Semiollingüistic Theory. Piauí.

## INTRODUÇÃO

No campo dos estudos da linguagem, a investigação do discurso literário vem se configurando como uma possibilidade de se estabelecer uma ponte entre a linguística e a literatura. Longe de reduzir o valor do texto literário, deixando-o em segundo plano para a discussão de categorias linguísticas, ou dos aspectos relacionados às suas condições de produção, buscamos demonstrar a intrínseca relação entre a "forma" e suas condições de produção para a construção de sentidos em um texto. Nesse ponto chegamos ao nível do discurso, aquele que interroga não apenas a respeito da configuração linguística de um enunciado, mas, em simultâneo, questiona o papel de suas circunstâncias de produção e/ou recepção para a sua significação.

Com base nessas reflexões, este trabalho tem por objetivo traçar uma análise discursiva de uma obra literária. Para tanto, selecionamos como *corpus* o romance *Vida Gemida em Sambambaia* (1985), de autoria De Fontes Ibiapina, e pertencente à literatura de autores piauienses. Dentre as razões para essa escolha, destacamos o fato de ser uma obra de suma importância para a literatura local e nacional — sendo ela ganhadora do 3.º Concurso Nacional do Clube do Livro —, tratando de temas como a questão das secas e do abandono por parte do poder público no sertão piauiense, além do interesse de compreender como ela projeta sentidos, lançando luzes sobre a sua relação com o contexto sócio-histórico-cultural de produção, visto que ela continua à

margem de um reconhecimento pelo grande público, ainda sendo pouco trabalhada e pesquisada nas escolas e universidades.

Para realizar esse estudo, utilizamos como fundamentação teórica do arcabouço da Análise do Discurso Semiolinguística, encabeçada pelo linguista e professor francês Patrick Charaudeau. Ela caracteriza-se como uma abordagem comunicacional e pragmática da linguagem, analisando-a a partir de uma perspectiva psicossociolinguística. Como o seu próprio nome nos mostra, “-semio”, de *semiosis*, aponta para a relação entre as variadas formas de expressão e os sentidos, em um processo capaz de ser apreendido através de uma análise da materialidade “-linguística”, que também é o ponto de partida e o lugar de apreensão do nosso objeto de análise.

De modo geral, podemos dizer que a Semiolinguística concebe o ato linguístico associando-o às suas circunstâncias de produção/interpretação, resignificando, para a tanto, a noção de sujeito, que passa a ser visto como alguém dotado de intencionalidades e disposto a significar o mundo de acordo com suas intencionalidades.

Para fundamentar este trabalho, utilizamos, principalmente, as contribuições de Charaudeau (2016, 2017). Nos baseamos, ainda, nas pesquisas realizadas pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso – NEPAD/UFPI/CNPq, cuja produção encontra-se publicada nas seguintes obras: Moura; Batista Jr. e Lopes (2017); Lopes; Batista Jr. e Moura (2018); Moura e Lopes (2021); Moura e Magalhães (2021); Moura e Rocha (2021).

Como recorte, procuramos analisar a presença dos imaginários sociodiscursivos e dos modos de organização do discurso no romance de Fontes Ibiapina, focalizando, de modo mais específico, o papel dos saberes de crença e do modo descritivo para a encenação e instauração de sentidos nessa obra.

Trata-se de uma pesquisa de natureza aplicada, de abordagem qualitativa, descritiva quanto aos objetivos, bibliográfica e documental no que diz respeito aos procedimentos de coleta de dados. Por essa razão, começaremos apresentando, a seguir, o nosso referencial teórico, para, adiante, expor os nossos resultados, discussões e considerações finais.

## OS IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS

Uma das formas de refletir sobre os sentidos e o fenômeno das representações sociais é através do trabalho com a noção de imaginários sociodiscursivos, elaborada por Charaudeau a partir dos estudos sobre representações sociais desenvolvidos por Moscovici – psicólogo social, antropólogo, filósofo da ciência e teórico da ecologia romeno radicado na França – e das reflexões em torno do conceito de imaginário social, de Castoriadis – filósofo, economista e psicanalista francês. Entendemos como imaginário “uma forma de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais” (CHARAUDEAU, 2017, p.578).

Por outro lado, considerando os fenômenos das representações sociais, destacamos que se trata de uma noção “emprestada” da Psicologia Social, que Charaudeau reformulou em uma perspectiva discursiva, passando a trabalhá-la como “uma mecânica de engendramento dos saberes e dos imaginários” (CHARAUDEAU, 2017, p.576). Dessa maneira, ela passa a ser encarada como um fenômeno que acompanha todo processo de produção e interpretação dos discursos. Uma forma de aprendê-lo seria por meio de sua materialização linguística, isto é, através dos imaginários e dos saberes que aparecem para fundamentar o conteúdo dos dizeres durante as trocas comunicativas.

No senso comum, a noção de imaginário frequentemente remete à ideia de algo ficcional, situado no domínio da imaginação e fora da realidade. Essa noção também é compartilhada

em algumas áreas de conhecimento, como a historiografia, que atribui aos imaginários uma valorização negativa, já que eles supostamente não seriam uma fonte fidedigna para reconstruir os fatos do passado. Em uma perspectiva discursiva, a noção de imaginário passa a ser utilizada não como um adjetivo, mas como um substantivo, isto é, passando a designar a forma como os sujeitos encaram e representam a realidade em suas interações.

Além disso, um imaginário “[...] resulta de um processo de simbolização do mundo de ordem afetivo-racional através da intersubjetividade das relações humanas, e se deposita na memória coletiva” (CHARAUDEAU, 2017, p.578). E são as representações socialmente partilhadas que permitem com que os imaginários se concretizem em discursos tanto para criar valores quanto para justificar ações. Em outras palavras, a depender da situação de comunicação, um imaginário pode servir não só para atribuir valorizações positivas como negativas para algo, porque eles são mobilizados para defender ou reforçar determinados argumentos ou visões de mundo.

Assim sendo, eles são definidos como imaginários sociodiscursivos. São sociais, visto que se realizam nas práticas comunicativas que estão situadas em determinados domínios da sociedade, como o literário, midiático, político e o religioso. E são discursivos, porque manifestam-se por meio dos dizeres.

Nessa lógica, os discursos que circulam socialmente são fundamentados em saberes depositados em uma memória coletiva. Estes, por sua vez, podem ser de dois tipos: os saberes de conhecimento e os saberes de crença. São eles os responsáveis pela construção de sistemas de pensamentos coerentes por meio dos quais os sujeitos irão pensar e significar o mundo a seu redor (CHARAUDEAU, 2017).

Os saberes de conhecimento funcionam de modo a estabelecer verdades sobre o mundo. Eles apresentam-se como objetivos e impessoais, sendo ancorados na possibilidade de verificação. Dessa maneira, eles podem ser subdivididos em: científicos (aqueles que podem ser provados) e de experiência (podem ser empiricamente verificados, mas não há garantias de comprová-los cientificamente). Como exemplo, ao primeiro tipo, estão relacionadas as teorias científicas e, ao segundo, os saberes do senso comum (CHARAUDEAU, 2017).

Os saberes de crença, por outro lado, são fundamentados nos julgamentos, avaliações ou apreciações que os sujeitos fazem sobre os outros seres e os demais fatos do mundo, ou seja, são mais subjetivos e, por isso mesmo, não dependem necessariamente de uma verificação. Eles também se subdividem em dois tipos. Quando ocorrem por meio da adesão de um sujeito a uma verdade que lhe é exterior, temos o saber de revelação, comumente visto em doutrinas e ideologias. Já quando eles partem das opiniões e julgamento dos sujeitos sobre algo, eles são classificados como saberes de opinião, mas não deixam de ser, ao mesmo tempo, pessoais e sociais, pois, afinal de contas, para que ocorra uma apropriação é necessário que aquele saber esteja antes em algum lugar, no caso, sendo compartilhado por outros sujeitos. Além disso, os saberes de opinião podem ser de três tipos: opinião comum, opinião relativa e opinião coletiva (CHARAUDEAU, 2017).

Como no caso de provérbios, ditos populares e julgamentos de caráter generalizante, estão os saberes de opinião comum, os quais supõem-se que sejam compartilhados por outras pessoas. Quando se trata de um julgamento que se posiciona diante de um outro, seja para concordar ou discordar, entram em cena os saberes de opinião relativa. Já os saberes de opinião coletiva, como o próprio nome sugere, partem de julgamentos sobre um determinado grupo, buscando, na maioria das vezes, construir uma identificação que o diferencie em relação a outros.

Tanto os saberes de conhecimento quanto os saberes de crença são responsáveis pelo funcionamento e circulação dos imaginários sociodiscursivos. São eles que fundamentam os mais diversos discursos que circulam socialmente. E, dessa maneira, distingui-los acaba tornando-se uma tarefa complicada, pois, no jogo das práticas comunicativas, é comum que os sujeitos mascarem, conscientemente ou não, o conteúdo de seus imaginários a depender de seus projetos de fala, isto é, fazendo com que, por exemplo, um saber de crença se passe por um saber de conhecimento.

Dessa maneira, observamos como, independentemente dos julgamentos de verdade ou falsidade, os imaginários sociodiscursivos funcionam para atribuir identificações aos fenômenos do mundo e aos outros seres. Ademais, é sempre bom ter em mente que, a depender da situação de comunicação, dos sujeitos envolvidos e de suas intencionalidades, eles podem colaborar tanto para reforçar discursos dominantes, fazendo com que determinados grupos permaneçam às margens da sociedade, quanto também para negá-los. E é justamente por isso que saber identificar os imaginários, os saberes que os fundamentam e a quais argumentos eles estão a favor torna-se uma tarefa tão importante.

## OS MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO

Ao lado do conceito de imaginários sociodiscursivos, uma outra noção importante para a Teoria Semiolinguística é a de discurso, a qual projeta dois sentidos distintos; um primeiro ligado à noção de ato de linguagem como encenação e um segundo relacionado aos saberes compartilhados socialmente. Ao considerá-las, estamos diante de dois espaços indissociáveis e constitutivos do evento linguageiro: o espaço do *dizer* e o espaço do *fazer*. Nas palavras de Moura (2020, p.33),

O espaço do *fazer* é o lugar privilegiado ocupado pelos responsáveis por esse ato, a saber, Euc e Tui. Nessa visão teórica, encontramos-nos diante da *instância situacional*. Já o espaço do *dizer* configura a própria *instância discursiva* que pode ser considerada como uma *encenação* ou “*mise en scène*” da qual participam os seres de palavra Euc e Tud.

É essa instância discursiva, em que se encontram os protagonistas do ato de linguagem — os seres de fala —, não os parceiros — os sujeitos com uma identidade social e inscritos historicamente —, que iremos focalizar neste momento. Isso porque acreditamos que a significação de um ato de comunicação não existe em si mesma, mas na interação entre os sujeitos e, sobretudo, na forma como os elementos linguageiros são dispostos de modo a projetar possíveis interpretativos. Assim, para compreender esse processo, Charaudeau (2016, p.76) convida-nos a pensar os modos de organização do discurso a partir dos “procedimentos que consistem em utilizar determinadas categorias de língua para ordená-las em função das finalidades discursivas do ato de comunicação”.

Eles podem ser agrupados e identificados a partir de quatro diferentes modos de organização do discurso: o enunciativo, o descritivo, o narrativo e o argumentativo. A cada um deles é possível apontar uma função de base e um princípio de organização. Quando o locutor toma a palavra, ele possui, em seu dizer, uma finalidade discursiva, capaz de ser identificada na resposta aos seguintes questionamentos: “*o que é enunciar? descrever? contar? argumentar?*”. Aliado a isso, suas intenções serão concretizadas por meio de princípios de organização da materialidade linguageira, que serão duplos no caso do descritivo, narrativo e argumentativo, resultando não só em uma lógica de construção (descritiva, narrativa, argumentativa) como também em uma organização daquela encenação (descritiva, narrativa, argumentativa) (CHARAUDEAU, 2016).

A depender do gênero textual, um modo de organização do discurso pode sobressair-se em relação aos demais. E isso não significa que ele não esteja em interação com os outros modos. Como afirma Charaudeau (2016, p. 78), “os gêneros textuais tanto podem coincidir com um

Modo de discurso que constitui sua organização dominante quanto resultar da combinação de vários desses modos”.

No caso do nosso trabalho, por nos debruçarmos sobre um gênero discursivo narrativo e descritivo por natureza, o romance, reconhecemos que os modos narrativo e descritivo se apresentam como dominantes, mas, vale ressaltar, isso não impede a manifestação dos demais. Entretanto, por questões de espaço, optamos por fazer um recorte e discutiremos de forma mais detalhada, a seguir, sobre o modo descritivo, um dos focos de nossa análise.

Como já foi dito, ao se trabalhar com o discurso literário, o modo de organização descritivo (juntamente com o narrativo) é um dos modos que mais se destacam. E, embora as atividades de contar e descrever estejam fortemente relacionadas, devemos ter mente que se trata de coisas distintas, inclusive, difíceis de diferenciar. Como lembra Charaudeau (2016, p. 111),

Enquanto **contar** consiste em expor o que é da ordem da experiência e do desenvolvimento das ações no tempo, e cujos protagonistas são os seres humanos, **descrever** consiste em ver o mundo com um “olhar parado” que faz existir os seres ao nomeá-los, localizá-los e atribuir-lhes qualidades que os singularizam (grifos do autor).

Mesmo assim, para contar algo, é sempre importante descrever o ocorrido, porque isso dá mais sentido aos acontecimentos. A fim de se evitar maiores confusões, é sempre bom considerar, ao lado dos modos de organização do discurso, também a situação de comunicação e o gênero textual em questão. Com isso, conseguimos, dentre outras coisas, compreender que uma “descrição” ou “narração” representam totalidades ou resultados ao passo em que o “descritivo” e o “narrativo” configuram-se como procedimentos de organização da matéria linguageira.

Quanto a seus princípios de organização, o descritivo pode ser pensado tanto a partir de sua construção quanto de sua encenação.

De modo mais específico, conforme Charaudeau (2016), a construção descritiva está pautada em componentes e procedimentos. Os seus componentes são de três tipos: nomear, localizar-situar e qualificar. Eles são, ao mesmo tempo, independentes e inseparáveis, cada um deles funcionando de modo a atribuir uma identidade a um ser, situando-o em um espaço-tempo e singularizando-o em relação aos demais. Esses componentes são incorporados aos procedimentos de organização da construção descritiva, que podem ser de duas naturezas. De um lado, os procedimentos discursivos: de identificação (para nomear), de construção objetiva do mundo (para localizar-situar) e de construção objetiva/subjetiva do mundo (para qualificar). De outro, utilizando de categorias de língua a serviço dos componentes, estão os procedimentos linguísticos. Quanto a eles, existem aqueles para nomear (denominação, indeterminação, atualização etc.), localizar-situar (de forma precisa ou imprecisa) e qualificar (acumulação de detalhes e de precisões ou utilização de analogias).

A encenação descritiva, por sua vez, também possui seus componentes e procedimentos de organização. Sendo assim, ela é comandada por um sujeito falante, que podemos chamar de descritor. Este, explícita ou implicitamente, conscientemente ou não, projeta determinados efeitos através de suas descrições. São eles: efeitos de saber, efeitos de realidade e de ficção, efeitos de confiança e efeitos de gênero. Ademais, os seus procedimentos de composição revelam sobre a construção semiológica dos textos. Ela demonstra a forma como o sujeito descritor organiza a extensão descritiva, a disposição gráfica e o seu ordenamento interno (CHARAUDEAU, 2016).

## O PIAUÍ NA TEIA DOS IMAGINÁRIOS: OS SABERES DE CRENÇA

Os saberes de crença dizem respeito a um tipo de conhecimento sobre o mundo que parte dos sujeitos, caracterizando-se pelas avaliações e julgamentos destes a respeito dos fatos do mundo, incluindo os outros seres, suas formas de pensar e agir. Além disso, eles podem ser de dois tipos: de revelação e de opinião.

No romance *Vida Gemida em Sambambaia*, a identificação dos sujeitos piauienses, mais especificamente, dos moradores do povoado de Sambambaia, é construída de modo a atribuir-lhes uma imagem associada aos imaginários de ingenuidade, intuição, sensibilidade, religiosidade, tradição etc. Possivelmente, tais elementos vão ao encontro das pretensões de seu autor de fixar uma identidade cultural para o estado, recorrendo, para tanto, às temáticas e personagens com traços caricaturais, isto é, que remetem a uma memória cristalizada acerca dos espaços e povos nordestinos, como demonstraremos a seguir.

A princípio, os saberes de crença de revelação apresentam-se como uma verdade que se coloca acima dos sujeitos, só que, diferentemente dos saberes científicos, ela surge por meio de testemunhos, de referências sagradas e absolutas, fechadas em si mesmas, não aceitando questionamentos e críticas a seu respeito. Sendo assim, são saberes que não podem ser provados, mas que são construídos sob a aparência de uma evidência, exigindo uma entrega cega dos sujeitos ao que é postulado. Nos discursos, eles são frequentemente manifestados sob a forma de doutrinas e ideologias, como acontece no seguinte trecho:

*Era uma vez necessidade nas casas dos lavradores de Sambambaia! “Acabou-se tempo ruim!” — era a voz geral na boca de todo mundo. Voz dum povo que sabe sofrer, porque o seu sofrimento não é da conta de ninguém. Voz do homem que sabe dar valor à sua terra; que só abandona o seu torrão quando enxotado pela Seca; que vive de seu trabalho; que come e bebe o suor do próprio rosto às custas dos calos das mãos e dos espinhos nos pés. Voz dum povo que não culpa ninguém quando a necessidade bate à sua porta, porque sabe perfeitamente de onde ela vem: — **Tudo que acontece no mundo é determinado por Deus** (IBIAPINA, 1985, p.115, grifos nossos).*

No fragmento acima, observa-se na voz do povo sambambaiense um pensamento religioso utilizado para justificar a razão superior por trás dos destinos e contratempos vivenciados naquela terra. A ideia de que tudo isso seria determinado por Deus remete a um discurso teocêntrico. Além disso, este tipo de conhecimento é sustentado por uma doutrina, que possui seus próprios textos para justificá-lo, embora não possa ser comprovado aos olhos dos sujeitos.

Dessa maneira, esse tipo de saber é utilizado para reforçar um argumento de que os moradores de Sambambaia seriam religiosos. Para além disso, é possível notar, também, alguns imaginários ancorados a esse tipo de identificação, como os de abandono do estado do Piauí, assim como os de sofrimento, tradição, apego à terra e força de seu povo. Algumas dessas questões são, como a própria obra demonstra, consequências de um desinteresse por parte do poder público, não sendo, portanto, determinadas por uma força divina, como alguns possam vir a pensar. Ao construir os personagens sob essa ótica, acreditando que tais problemas fazem parte da vontade de Deus, o discurso literário de Fontes Ibiapina revive o imaginário de que a população nordestina não seria capaz de eleger seus próprios governantes, já que seriam ignorantes demais para tomarem semelhantes decisões.

Ao lado dos saberes de crença de revelação, temos também os saberes de crença de opinião, que se apresentam sob a forma de avaliações que os sujeitos fazem sobre os fatos do mundo. Diferentemente dos saberes de revelação, eles não possuem um discurso absoluto em que se apoiar, pois utilizam de saberes partilhados socialmente. Nesse sentido, pode-se dizer que eles

tendem a construir um julgamento generalizante sobre algo ou alguém, que pode ser de três tipos: opinião comum, opinião relativa e opinião coletiva.

A opinião comum é emitida pelos sujeitos como um fato que se imagina ser compartilhado por boa parte dos indivíduos, por isso ela é constantemente identificada em ditados populares e provérbios. Vejamos então um exemplo:

*No alto das folias, costumam dizer: — Neste mundo velho só se desfruta do que se come, do que se bebe, do que se brinca. Em bolso de mortalha não se bota dinheiro. Daqui da Terra, o defunto só leva uma roupa e um par de calçados. Até o chapéu fica! (IBIAPINA, 1985, p.89, grifos nossos).*

É socialmente compartilhado o pensamento de que mais vale aproveitar o presente do que deixar para o futuro, pois este seria incerto e a ninguém pertenceria. Semelhantemente, acredita-se que seja um consenso entre os sujeitos a ideia de que da terra não se poderá levar nenhum tipo de bens materiais, independentemente de qual seja o destino da humanidade após a morte. O trecho acima é utilizado no romance de Fontes Ibiapina para reforçar um argumento de que os moradores de Sambambaia, apesar de não terem muitos recursos, não perderiam a oportunidade de gastarem o pouco dinheiro que viessem a ter, para satisfazerem suas necessidades, mesmo que seja apenas para divertirem-se.

Aliado a esse saber, encontra-se por trás um imaginário que associa as pessoas nordestinas e/ou do interior à ideia de festividade, possivelmente por ser um lugar frequentemente ligado às tradições de celebrar determinadas datas culturais, como as festas juninas. Indo um pouco mais além, também é possível captar um imaginário que concebe essas pessoas como despreocupadas com a economia, que seria uma atividade para sujeitos intelectuais, encontrados, de acordo com esse pensamento cristalizado socialmente, nos grandes centros urbanos. Ademais, há também um imaginário de vagabundagem associado aos povos nordestinos naquela menção de despreocupação com o futuro, algo que pode ser visto, por exemplo, em uma passagem do romance em que o personagem Alonso, quando, mesmo faltando alimentos para a sua família, decide gastar o pouco que ganhou com bebidas e prostitutas.

Já a opinião relativa parte dos sujeitos sob a forma de um julgamento circunstancial, inserido em determinado espaço de discussão e utilizado para apresentar um pensamento contrário ou favorável a algo. Como exemplo:

*Não há quem me meta na cabeça que seja crime se pegar no alheio pra crianças inocentes não morrerem de fome. Só se Deus não fosse Deus! Crime, e até pecado, é a gente deixar os filhos se acabarem da barriga pregada no espinhaço, tendo um meio pra evitar. Ai sim!...Deus não perdoaria a um desgraçado desses (IBIAPINA, 1985, p.120, grifos nossos).*

Nesse trecho, o personagem Alonso utiliza de um saber de opinião relativa para reforçar um argumento de que roubar por necessidade não é crime nem pecado. Semelhante opinião pode ser compartilhada por uns e rejeitada por outros, que viessem a considerar o furto uma prática criminosa e pecaminosa independentemente das circunstâncias. A partir disso, observa-se dois imaginários mobilizados para a identificação dos personagens. O primeiro deles é o da pobreza e necessidade, historicamente associado às regiões nordestinas, que teriam um povo pobre e pedinte. O segundo deles é o da religiosidade, que diz que as pessoas nordestinas e/ou do interior guiariam suas ações e pensamentos de acordo com suas religiões.

Por fim, os saberes de opinião coletiva, diferentemente, não se colocam em um espaço de discussão, pois consistem em um julgamento que parte de um sujeito ou grupo sobre outro



buscando inseri-lo dentro de determinada categoria, singularizando-o de alguma forma. Nesse sentido, trata-se de um tipo de opinião de caráter fortemente identitário. O seguinte trecho é um exemplo disso: “— **Gente rica pode viver sem honra, minha velha, porque o dinheiro cobre.** Mas, pobre desonrado... melhor se desgraçar logo por uma vez” (IBIAPINA, 1985, p. 136, grifo nosso)”.

Uma das identificações mais recorrentes dos personagens de *Vida Gemida em Sambambaia* é a de pobreza. No fragmento acima, ela é utilizada a favor dos argumentos de que os ricos são diferentes dos pobres e de que o dinheiro é capaz de maquiagem o caráter das pessoas. Ademais, percebe-se um imaginário de que os ricos seriam pessoas desonestas e que estariam acima dos pobres. Para além disso, é notável também um imaginário que associa as pessoas nordestinas à condição de pobreza.

Depois de compreendermos como se dá a projeção de imaginários sociodiscursivos no discurso literário de Fontes Ibiapina, podemos ir um pouco mais além, nesse momento, para elucidarmos como se dá a organização e o funcionamento desse romance enquanto materialidade discursiva.

## UM RETRATO DE SOFRIMENTO: DESCREVENDO AS VIDAS GEMIDAS DE SAMBAMBAIA

No romance em questão, a situação de comunicação deve ser vista a partir do contrato comunicacional estabelecido entre autor e leitores de obras de ficção. Isso faz com que o modo descritivo seja mobilizado para atender à finalidade de *contar* e *informar* desse gênero do discurso, descrevendo ações, espaços, personagens etc. Na instância discursiva, isso ocorre, mais especificamente, por meio de um manejo mais ou menos consciente de certas categorias de língua.

É possível percebê-las em funcionamento verificando a construção descritiva de determinados discursos. Para tanto, observemos, primeiramente, o seguinte fragmento:

*Alonso era mesmo um produto danado de rígido daquelas caatingas. Rígido como a própria região, como a terra. Rígido como as Secas. Nasceu, enterrou o umbigo e se criou em Sambambaia, sem que nunca dali um dia retirasse os pés para outro lugar. [...] Sua índole tinha raízes fincadas naquelas caatingas. Era ele próprio o primeiro a dizer que dali só sairia quando fechasse o paletó. Só mesmo quando fosse para a cidade dos pés juntos (IBIAPINA, 1985, p.29, grifos nossos).*

O fragmento acima consiste em uma apresentação de Alonso; o personagem principal de *Vida Gemida em Sambambaia*. Observa-se que o narrador utiliza dos três componentes da construção descritiva para identificá-lo ao leitor. Ao nomeá-lo, o personagem ganha uma existência em meio aquele universo ficcional. Mas isso não basta, o narrador o insere em um determinado lugar, no caso, o povoado de Sambambaia, onde Alonso passou toda a sua vida até aquele momento. Em seguida, passa a qualificá-lo de acordo com o seu lugar de pertença, como se a sua existência, a sua função e traços de caráter dependessem disso. Alonso seria, então, alguém cujos sofrimentos enfrentados desde o nascimento naquela terra fizeram-no uma pessoa rígida, de fortes valores e apegado à tradição. Um fato marcante é que esses são traços que fazem parte de um imaginário acerca do homem sertanejo.

Esses componentes, por sua vez, entram em ação por meio dos procedimentos de configuração descritiva. De um lado, estão os procedimentos discursivos. Eles têm a finalidade de construir seja uma identificação, uma construção aparentemente objetiva ou uma construção subjetiva do mundo.

No romance de Fontes Ibiapiana, a identificação dos personagens atende ao princípio de informar o leitor, situando-o diante daquele universo narrado. A grande maioria dos personagens é apresentada por meio de uma identificação específica, como no caso de Alonso, visto logo acima, mas também de Ana da Chapada, Chico de Maria Isabel, Maria do Céu, Margarina de Pedro Antônio, Paulo da Bodega, dentre outros. Como é possível perceber, é frequente a presença de caracterizações identificatórias ao lado dos nomes de cada um deles; um fenômeno recorrente em nossas análises, principalmente, para construir identificações pessimistas dos espaços e personagens (IBIAPINA, 1985). Vejamos alguns exemplos: “**A matutada sambambaiense** amanheceu de crista caída” (p.13); “**O nosso velho Piauí sofrido** parecia querer pegar fogo de uma vez” (p.18); “O fim de **um pobre pai de família** que roubava a fim de os filhos não morrerem de fome” (p.45) “À noite, o pé-d’água bateu novamente. Surpresa por demais agradável para **aquele povo faminto e cadavérico**” (p.70).

Em *Vida Gemida em Sambambaia*, somos levados a visitar um passado distante até mesmo para o narrador, como ele dá a entender ao começar a história por suas lembranças de infância. Por isso mesmo, é frequente o uso dos procedimentos de construção objetiva do mundo, os quais, em respeito ao gênero, ou não, acabam projetando efeitos de realidade, descrevendo o cenário, muitas vezes, de forma distanciada das impressões pessoais do sujeito que narra. Observa-se isso, por exemplo, na descrição dos espaços da narrativa: “Pelos várzeas, tabuleiros e chapadas, **viam-se** carcaças e mais carcaças de animais que encheram a barriga de légua e meia da Crise. Por todos os recantos de socavões, **encontravam-se** ossadas, tampos de couro e carniças secas” (IBIAPINA, 1985, p.84-85).

No trecho acima, o recurso à terceira pessoa colabora com esse suposto distanciamento do narrador, ajudando-o a construir um retrato realista daquele mundo. Já analisando os procedimentos de construção subjetiva do mundo, observamos que, em outros momentos, o narrador acaba revelando o seu imaginário pessoal, sobretudo, por meio de passagens descritivas reveladoras de sua subjetividade. O seguinte trecho é um exemplo disso:

**1953 miserável! Maldita repetição de 1824! Infeliz irmão de 1845! Cópia infame de 1877! Amaldiçoado retrato de 1898! Ampliação excomungada de 1915! Amaldiçoada imitação de 1932! Seca maldita! Época de fome, tristezas, desalentos, tormentos, incertezas e de mais tudo o quanto não presta em cima da Terra. Levando tudo de oito. Não deixaria plantação, não deixaria criatório, não deixaria gente. Mas ainda havia gente que teimava em ficar. É que o homem é mesmo o animal mais teimoso dali. Ficar para semente. Ficar para votar nas eleições, como para pagar impostos, bem como para quando outra Seca viesse encontrar alguém para seu regalo** (IBIAPINA, 1985, p.159, grifos nossos).

Essa pequena descrição deixa escapar ao leitor uma amostra da visão de mundo do narrador, pois suas opiniões e rotulagens dos fenômenos e dos outros seres não deixam de ser um posicionamento diante daquele quadro que ele pretende registrar.

Por outro lado, a construção descritiva dessa narrativa é também baseada em procedimentos linguísticos. Para nomear, destacamos as categorias de denominação e indeterminação. Como já foi dito, na maioria das vezes, os seus personagens são caracterizados a partir de nomes próprios ou identificações específicas, assim como ocorre quando, utilizando de categorias linguísticas para localizar-situar, é feito o seu enquadramento espacial e temporal, investindo no detalhe e na precisão para produzir um efeito realista para aquele romance sobre a seca no sertão piauiense. A começar pela sua abertura, o dia, mês e lugar já é posto em evidencia antes mesmo de qualquer coisa: “Dezembro, dia 14. A matutada sambambaiense amanheceu de crista caída” (IBIAPINA, 1985, p.13).

Voltando aos procedimentos para nomear, notamos que a indeterminação, embora não seja tão recorrente, também é um recurso que se faz presente na identificação de alguns personagens. Isso é visto, sobretudo, na menção a personagens que representam alguma autoridade. Estes geralmente são descritos de forma genérica, enfatizando o seu papel social. Apesar das críticas ao governo e às práticas abusivas da polícia diante da sociedade, principalmente ao lidar com os mais pobres, são figuras que o narrador cita, mas não se preocupa em “dar nomes aos bois”, como diz a expressão popular. Há o “Sargento barrigudo de carranca horrorosa”, os “Soldados da polícia militar do Piauí”, assim como o “Governador” e o “Prefeito”, mas nenhum deles é nada além disso.

Se considerarmos as suas circunstâncias de produção, marcadas por um regime militar, como também a postura de seu autor de aproximar-se desse movimento, do governador do estado e, ao mesmo tempo, por meio de suas obras, colocar-se como o porta-voz dos menos favorecidos, denunciando uma condição de abandono, desigualdade e sofrimento, veremos que essa indeterminação, para além de um procedimento linguístico de uma construção descritiva, tem suas razões de ser; não sendo uma escolha meramente arbitrária, mas, possivelmente, motivada por uma tentativa de não comprometimento com certos assuntos que poderiam respingar em interesses pessoais ou crenças políticas.

Diferentemente, quando se trata dos outros personagens, em sua maioria pessoas simples, as suas identificações, mesmo quando não são específicas, como no exemplo a seguir, não deixam de ser mais incisivas. Através dos procedimentos linguísticos para qualificar, a descrição destes é mais pautada na acumulação de detalhes, de precisões e no uso de analogias. O seguinte recorte revela o tipo de ênfase que comumente é dada a esses personagens:

*Hoje mesmo passaram duas famílias de retirantes lá em casa, que era uma coisa de causar pena e dó. Uma das ditas cujas levava uma ninhada de oito filhos. **Magros, que só couros e ossos. Os pobrezinhos saíram pelo monturo, como um bicho qualquer, apanhando e roendo tudo o quanto de garras de couro velho. Pareciam um bocado de cachorros, que Deus me perdoe a comparação** (IBIAPINA, 1985, p.42, grifos nossos).*

Essa descrição demasiadamente realista, no sentido de ser crua, despreocupada em trazer apenas imagens belas e positivas sobre o que está sendo dito, assim como os demais componentes e procedimentos da construção descritiva de *Vida Gemida em Sambambaia*, funcionam dessa forma pois estão de acordo com a sua encenação descritiva, comandada por um sujeito falante, responsável por projetar certos efeitos de sentido possíveis, sejam eles planejados ou não.

De maneira mais específica, a encenação descritiva desse romance é ordenada por um sujeito descritor — o mesmo que assume o papel de narrador. Ele descreve, nos capítulos iniciais da obra, a partir de um olhar memorialístico para o seu passado, lembrando os seus tempos de infância na fazenda de seus pais. No restante da obra, ele começa a afastar-se, assumindo uma posição distante e tentando apagar-se diante daquilo que passa a retratar, continuando a não revelar a sua identidade explicitamente. Com isso, ele acaba projetando efeitos de saber, de realidade e de ficção, de confiança e de gênero.

Na abertura do romance, o sujeito descritor tenta passar uma impressão de que aquilo que ele passa a descrever é verídico pelo simples fato de que parte de suas memórias de outrora. “Todas as tardes íamos ao mato. Parecia que aquele trabalho não se acabava mais. Eu me recordava das histórias que o Papai contava da Seca de 15. E tinha a impressão que estava vivendo em 15 mesmo” (IBIAPINA, 1985, p.24). Essa lembrança, tomada como ponto de partida para continuação do relato, projeta um efeito de saber, pois funciona como uma forma de legitimar o que virá adiante. É como se ele dissesse: *Eu vivi isso, sei exatamente como foi; e, por isso, acreditem no que vou retratar a seguir.*

Isso é justificado pelo fato de que o romance assume, a partir de sua configuração, um caráter realista, dando aparências de um relato verídico de um acontecimento passado. Essa encenação é reforçada, muitas vezes, por meio de efeitos de um gênero realista, procurando, por exemplo, situar o quadro construído pelo sujeito descritor em um lugar e em um tempo, deixando sempre isso bem evidente. O trecho a seguir demonstra isso:

**1953 prometeu cantar mais uma canção triste, melhor dizendo: um bendito de defunto, nas caatingas secas de Sambambaia. Se apenas prometer, não seria nada. O danado foi que prometeu e cantou mesmo. E pior do que todas. Uma Seca quase que escanchada noutra Seca. Duas Secas com um inverno fracateado entre as pernas. Em pleno janeiro, e a mata completamente desfolhada. Todos os dias, o sol dava um banho de fogo nas caatingas. Toda a terra assim como se uma fornalha. Fornalha maior do que as fornalhas dos grandes engenhos dos tempos da escravidão negra emendada umas às outras. As roças mais limpas que terreiro preparado para jornadas de São Gonçalo. Tudo só sinal de tristeza para o povo daquele chão** (IBIAPINA, 1985, p.155-156, grifos nossos).

Apesar disso, como pode ser visto nos comentários acima que revelam os seus julgamentos, o sujeito descritor não deixar de jogar com efeitos de realidade e de ficção, ambos revezando-se na obra. Ora ele assume uma posição de exterioridade diante do que descreve, ora apresenta-se como uma parte interessada, capaz de penetrar até mesmo na mente dos personagens — algo absurdo para um relato com pretensões de objetividade —, revelando sua subjetividade ao descrever o mundo a partir de lentes somente obtidas nos universos fictícios.

Essas reflexões pessoais, juntamente com outras de caráter geral, como as máximas e os provérbios, também funcionam para lançarem efeitos de confiança por parte do sujeito descritor. Isso ocorre nos momentos em que ele acaba revelando suas apreciações pessoais em meio a alguma descrição. O seguinte trecho é um exemplo disso:

*Alguns plantios prosperaram e a safra não foi tão ruim. Inverno fracateado, repiquete bem puxado, salgado mesmo. Mas deu para se tirar alguma coisa. Ainda bem. Antes pouco do que nada. O sambambaiense é um homem consciente que se conforma com qualquer coisa: — Mais vale fanhoso que sem nariz* (IBIAPINA, 1985, p.155, grifo nosso).

No tocante aos procedimentos de composição da encenação descritiva, o trecho acima, ao descrever as tímidas consequências do período de inverno para o povoado de Sambambaia, reforça o fato de que, no romance de Fontes Ibiapina, a descrição, como esperado, é utilizada para contar. A sua extensão, por sua vez, está diretamente ligada a isso, chegando a ser, na maioria das vezes, composta por períodos mais breves e incisivos. Esses são elementos que reforçam a dramatização da narrativa, como pode ser visto logo abaixo:

*De quando em vez, via-se um pobre pai de família arrumar os cafiotes, adereçar os teréns, fechar as portas do rancho, lançar assim um olhar triste para a caatinga nua da cabeça aos pés, jogar os cacarecos na cabeça e pisar na tábua do mundo. [...] Ia a pés. Geralmente com uma mulher magra, de rosto escavado, olheiras fundas e olhos de cabra morta. E uma ninhada de filhos pequenos, magros e barrigudos, chupando o dedo e de cara rajada de comerem terra.* (IBIAPINA, 1985, p.18-19, grifo nosso).

Ao descrever a saga das famílias de retirantes, o sujeito descritor não perde tempo dando voltas para caracterizá-los para o leitor. Ele vai direto ao ponto; mas, se observarmos o ordenamento interno dos elementos descritivos, veremos que ele se dá por meio de um acúmulo de adjetivos e da descrição das pessoas e dos objetos de um lugar, cada um recebendo, ao passo

que é apresentado, suas devidas qualificações. Quanto a estas, frequentemente, remetem ao imaginário do sertanejo pobre, vestido em farrapos, vivendo em misérias e com ar de pedinte.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisarmos o romance *Vida Gemida em Sambambaia*, de Fontes Ibiapina, um clássico da literatura de autores piauienses, a partir de uma perspectiva discursiva, considerando os imaginários sociodiscursivos, mais especificamente, a presença dos saberes de crença, e o seu modo de organização descritivo, conseguimos demonstrar como essa obra, tomada como ato de linguagem, projeta sentidos.

Verificando a presença dos saberes de crença, nos quais sustenta-se a maioria dos imaginários sociodiscursivos da obra, notamos que a construção dos personagens e da própria narrativa colabora para apresentá-los conforme uma imagem caricata do que seria o sujeito nordestino.

Nesse sentido, evidenciamos uma presença de imaginários sobre o espaço e sujeitos piauienses fortemente atravessados por uma visão provinciana, revisitando, principalmente, as imagens de um Piauí de povo ingênuo, humilde, pobre, religioso e sofredor, vivendo em um espaço abandonado pelo poder público e atormentado pelos problemas da seca. Por outro lado, considerando a trajetória literária de Fontes Ibiapina, é imprescindível reconhecer o valor dessa obra para a sociedade piauiense, pois não deixa de colocar a cultura local em destaque, enfatizando as suas festividades, credences e superstições, além de fixar nas letras um canto do país que historicamente foi deixado às margens.

Junto a isso, ao investigarmos o modo descritivo de organização discursiva desse romance, percebemos, de modo geral, que os componentes e procedimentos de sua construção e encenação caminham em direção a projetar *efeitos* de realidade, algo que se manifesta, por exemplo, na identificação dos personagens e espaços, apresentando-os e construindo uma história conforme um imaginário de sofrimento e esquecimento inevitavelmente atrelados às circunstâncias sociais e ideológicas de sua publicação, como já mencionamos anteriormente.

De modo mais específico, observando a construção e os procedimentos de configuração descritiva, destacamos a recorrência de identificações específicas na caracterização dos personagens, as quais tornaram-se mais incisivas, sobretudo, quando utilizadas para descrevê-los em condição de pobreza e sofrimento. No tocante aos componentes e procedimentos da encenação descritiva, ressaltamos que ela é comandada por um sujeito descritor, o qual investe em um ordenamento interno dos elementos descritivos caracterizado pelo acúmulo de adjetivos, qualificando os personagens conforme o imaginário do sertanejo pobre.

Diante disso, concluímos que a análise semiolinguística dessa obra permitiu-nos demonstrar a inseparável relação entre a linguagem e a sociedade, de uma possibilidade de aproximação da linguística e literatura, assim como de uma aplicabilidade do nosso referencial teórico para ampliar a compreensão dos fenômenos que envolvem o discurso literário.

## REFERÊNCIAS

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. Traduzido por André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. In: **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p.571-

591, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/viewFile/857/433>. Acesso em: 08 fev. 2021.

IBIAPINA, Fontes. **Vida Gemida em Sambambaia**. São Paulo: Clube do Livro, 1985.

LOPES, Maraisa; BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes; MOURA, João Benvindo de. **Linguagem, discurso e produção de sentidos**. São Paulo: Pá de Palavra, 2018. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1E4p24MwtwEIYLOBy9Cv86l8P1ww5lsmP/view>. Acesso em 15 fev. 2021.

MOURA, João Benvindo de. **Análise discursiva de editoriais do jornal Meio Norte: um retrato do Piauí**. Teresina: EDUFPI, 2020. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1xzM2rZt7a1Y2mQUMF5z\\_lgmKR6WsTgG9/view](https://drive.google.com/file/d/1xzM2rZt7a1Y2mQUMF5z_lgmKR6WsTgG9/view). Acesso em: 21 fev. 2021.

MOURA, João Benvindo de; BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes; LOPES, Maraisa. (org.). **Sentidos em disputa: discursos em funcionamento**. São Paulo: Pedro & João editores, 2017. Teresina: EDUFPI, 2017. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/11V18xIYEwS3LV3Unpkb\\_jQj5xsuXK0zYf/view](https://drive.google.com/file/d/11V18xIYEwS3LV3Unpkb_jQj5xsuXK0zYf/view). Acesso em: 15 fev. 2021.

MOURA, João Benvindo de; LOPES, Maraisa (org.). **Discursos, imagens e imaginários**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021a. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/172snYhu2fwF0Wpd-blplg4dQa5H2Whh6/view>. Acesso em: 15 jan. 2021.

MOURA, João Benvindo de; MAGALHÃES, Francisco Laerte (org.). **Fluxos discursivos na sociedade em rede**. São Carlos: Pedro & João editores, 2021b. Disponível em: <http://editorapathos.com.br/fluxos-discursivos-na-sociedade-em-rede/> Acesso em: 12 jun. 2021.

MOURA, João Benvindo de; ROCHA, Max Silva da. **Semiolinguística e Retórica: interfaces**. Teresina: Editora Pathos, 2021. Disponível em: <http://editorapathos.com.br/semiologia-e-retorica-interfaces/> Acesso em: 10 out. 2021.